

Saúde, desafio a todos

Em matéria de saúde e seu tratamento, em Brasília, chegamos ao fundo do poço. Quando os responsáveis pela saúde, os médicos, afirmam publicamente que nossos hospitais não mais têm condições de funcionamento adequado e que vão suspender as cirurgias para evitar que os doentes sejam contaminados, a situação passou a ser calamitosa.

Repensar a saúde em Brasília passou a ser o imperativo de todos. Não mais adianta que se procure este ou aquele responsável. A população, toda ela, tem o direito de exigir das autoridades as medidas que se impõem. A elas cabe o dever de tomar as medidas necessárias.

Houve um tempo em que a Medicina em Brasília era considerada como exemplar. O Hospital de Base era citado como dos melhores do País. Hoje a situação é bem diversa. Chegamos por degraus quase que imperceptíveis a uma situação de verdadeira falência. Descaso prolongado, falta de apoio, degenerescência de um certo sistema de saúde pública, tudo isto parece ter contribuído para a falência do sistema. É chegada a hora da recuperação. Não mais se pode adiar a solução.

Entre nós, a classe médica, na qual estão figuras de rara competência e dedicação à sua missão, se sente como que colocada no pelourinho, apontada à opinião pública como responsável pela falência do sistema. É evidente que tal não é a situação real e que os médicos não constituíram jamais o poder entre nós. As autoridades que deixaram o sistema degradingolar e chegar a tal estado é que se deve responsabilizar. É demasiado tar-

de para que este procedimento renda dividendos, seja eficaz. A hora é da busca dos remédios.

No fundo da deterioração do sistema de saúde entre nós está a concepção de nossa sociedade que dominou durante longos anos. Durante todo o período do autoritarismo dominou uma concepção materialista vulgar, em que o homem não era considerado senão como peça do sistema produtivo, enquanto produtor de valores materiais. A saúde pública neste quadro era questão secundária. A tendência era a constituição de serviços eficazes para os detentores de bens e de serviços cada vez mais deficientes para o povo em geral. Praticava-se, sem confessar, uma política de eugenia.

O status dos servidores da saúde, médicos ou outros especialistas, deteriorava, a remuneração seguia o mesmo caminho, equipamentos idem. Mais do que isto generalizou-se um sistema de corrupção em que os recursos destinados à Saúde Pública eram desviados para os intermediários que ficavam sem punição.

Os tempos mudaram e a Nova República colocou o bem-estar do homem em primeiro plano. Tancredo afirmou que a busca deste bem-estar seria sua meta principal. A herança era pesada.

Em Brasília, um sistema de saúde que já tivera situações exemplares estava comprometido e seus agentes responsabilizados pelo que as autoridades não haviam feito. A hora é de recuperação. O desafio é, em primeiro lugar, para o governador José Aparecido de Oliveira, mas é também para toda a comunidade da saúde e para toda Brasília.